REVISTA DA FUNDARTE
ANO 22
DEZEMBRO
NÚMERO 52
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
ARTE EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

PESQUISA EDUCACIONAL BASEADA EM ARTE: A/R/TOGRAFIA

ARTS BASED EDUCATIONAL RESEARCH: A/R/TOGRAPHY

Adair de Aguiar Neitzel
Isleide Steil
Letícia Francez

Resumo: Este artigo tem como tema a Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) com foco na a/r/tografia como um método para pesquisas em arte/educação. O objetivo é discutir sobre essa metodologia, que traz à baila os processos e as questões educacionais que evidenciam e respeitam as subjetividades e a experiência. O estudo é de caráter qualitativo e de abordagem bibliográfica, com aporte teórico em Steil (2016), Francez (2019), Irwin (2013), Irwin e Springgay (2013). Como resultado, sinaliza-se que essa metodologia está aberta a novas proposições que possam surgir durante o percurso, pois ela valoriza não apenas os resultados do estudo, mas também os questionamentos que surgem no decorrer do caminho.

Palavras-chave: PEBA. A/r/tografia. Arte/educação.

Abstract: This paper is about Arts Based Educational Research (ABER) focusing on a/r/tography as a method for art/education research. The aim is to discuss about this methodology, which brings up the processes and educational issues that highlight and respect subjectivities and experience. The study has a qualitative character and a bibliographical approach, with theoretical support based on Steil (2016), Francez (2019), Irwin (2013), Irwin and Springgay (2013). As a result, it is signaled that this methodology is open to new propositions that may arise during the course, as it values not only the results of the study, but also the questions that arise along the way.

Keywords: ABER. A/r/tography. Art/education.

Introdução

Eu não sei o que eu to sentindo por
essa imagem, porque é tão bonita
que eu não sei nem falar.
Criança 18
(FRANCEZ, 2019, p. 47)

Um dos grandes desafios da pesquisa científica, em especial nas Ciências Sociais, é garantir que os resultados não obnubilem os processos, que as subjetividades dos sujeitos sejam evidenciadas, que a emoção das vozes, como

esta da “Criança 18” – um dos sujeitos da pesquisa de Francez (2019) – que compõe a epígrafe, tenha lugar. No entanto, como deixar falar a força expressiva desses sujeitos que não sabem expressar o que estão sentindo? Como o pesquisador manterá um distanciamento dos objetos e dos sujeitos de pesquisa quando suas percepções e suas impressões fazem parte da atividade interpretativa do estudo, quando ela é tecida no contato com as pessoas?

Em nosso percurso de pesquisadoras, identificamos que a pesquisa qualitativa em arte/educação muitas vezes faz uso de metodologias que desconsideram o processo artístico em uma perspectiva mais ampliada. Quando consideramos os sujeitos de pesquisa sujeitos da experiência é mais produtivo fazer uso de instrumentos de produção de dados do que de coleta de dados, porque o fazer artístico, muitas vezes, se dá não apenas com o sujeito da experiência, mas também com o sujeito pesquisador. Além disso, lidar na pesquisa com diferentes linguagens como música, poesia, pintura, dança, fotografia, entre outros textos de diversas naturezas, signos que são altamente polissêmicos, exige do pesquisador um trato sensível e poético com esses instrumentos de dados, caso contrário ele pode perder as oportunidades que advém do exercício do estético, como lembram Uriarte e Neitzel (2017).

As percepções sobre uma obra de arte, uma literatura, uma apresentação de dança, teatro ou música são muito pessoais, e estão relacionadas aos conceitos e às experiências que o sujeito tem incorporado. Assim sendo, é possível mensurar, generalizar ou replicar resultados tão pessoais em uma pesquisa científica? Nesse sentido, ao longo de nossa caminhada como arte/educadoras, sentimos necessidade de aprimorar metodologias que priorizassem as experiências humanas, as questões subjetivas, as reflexões e as percepções do pesquisador, que considerassem o processo, assim como os excessos da pesquisa. Trabalhar com arte/educação demanda uma metodologia mais flexível no que diz respeito aos mecanismos de controle tradicionais que se ocupam mais com os resultados reproduzíveis. Para Uriarte e Neitzel (2017, p. 388): “Esse posicionamento

metodológico para realizar pesquisas defende o entendimento do homem como intérprete do mundo em que vive, acolhendo, dessa forma, as inquietações do pesquisador e dos sujeitos da pesquisa".

Este artigo tem como objetivo discutir sobre a metodologia da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), tendo como foco o método da a/r/tografia, o qual traz à baila os processos e as questões educacionais que evidenciam e respeitam as subjetividades e a experiência. Esse método, ao colocar em evidência os processos — sendo considerados como meios para compreender questões educacionais que respeitam as subjetividades e a experiência —, quer sinalizar que a não neutralidade do pesquisador enriquece a pesquisa, pois estabelece uma interlocução constante entre o pesquisar e os sujeitos da experiência, sem evitar segregar sentimentos e desejos que circundam a vida humana. A PEBA, a partir da perspectiva da a/r/tografia, será aqui discutida tendo em vista duas pesquisas, a de Steil (2016) e de Francez (2019), com o intuito de exemplificar como essa metodologia pode ampliar as possibilidades de pesquisa em arte/educação.

Steil (2016) elaborou uma pesquisa sobre dança com um grupo de crianças dos anos iniciais da Educação Básica e seus pais, com o objetivo de discutir a importância da dança no processo de formação estética e artística da criança nessa etapa da educação e reconhecer como a mediação cultural na escola, por meio da dança, pode ampliar os sentidos da criança. A opção pela PEBA e pelo método da a/r/tografia deu-se tendo em vista que a pesquisadora envolveu, em sua pesquisa, diversas linguagens artísticas, como a música, a dança e as artes visuais, além de fazer uso do diário de campo e da cartografia corporal como instrumentos de produção de dados para registrar as compreensões dessa experiência. A pesquisadora colocou-se ainda como artista, isto é, como alguém que investiga sua própria ação produtora, a dança.

Por meio da realização de encontros de mediação com crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental, a pesquisa de Francez (2019) teve como objetivo discutir como a criança se relaciona esteticamente com a obra de arte por meio da

mediação de leitura de imagem. Ao propor as mediações aos alunos e observar seus próprios movimentos durante o percurso da investigação, a pesquisadora também se colocou como sujeito do estudo. Desse modo, a metodologia da PEBA, a partir do método a/r/tográfico, serviu como perspectiva de condução do trabalho. Os dados utilizados para discussão no estudo foram o diário da a/r/tógrafa e as expressões verbais e corporais dos alunos, além de considerar as produções artísticas realizadas pela pesquisadora durante o andamento do estudo.

Em ambas as pesquisas, a definição da PEBA como percurso metodológico caracterizou-se como a escolha de um caminho, uma via pela qual os objetos e os sujeitos foram se tecendo e articulando na experiência. Heidegger (2003, p. 131) afirma que "experiência é percorrer um caminho", o qual precisamos "[...] atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos com ele" (HEIDEGGER, 2003, p. 121). Assim também se direciona a a/r/tografia, ao proporcionar o exercício da experiência, a busca pelo desconhecido, pelos diferentes ângulos que se formam durante o processo de investigação, pelas oportunidades de transformação que podem se apresentar por meio de uma investigação. É nesse sentido que encaminhamos esta discussão, considerando a PEBA como uma forma de articular arte, pesquisa e educação na busca, no entendimento e na construção de significados que possam também oportunizar aos sujeitos envolvidos na pesquisa um envolvimento de conhecimento de si, o qual pode possibilitar mudanças, se vivido como experiência.

A/r/tografia: uma prática viva da Pesquisa Educacional Baseada em Arte

[...] a aula de dança não ensina só a dançar,
[...] aprendemos muito sobre nosso corpo
e seus movimentos.
Criança 8
(STEIL; NEITZEL, 2019, p. 91)

A narrativa da Criança 8 revela uma compreensão pela dança como a oportunidade de compreender seu corpo, de entender os movimentos que pratica,

uma experiência sensível que vai sendo construída na arte de dançar. Sua expressão subjetiva revela a função da dança e da arte em geral: ampliar nossos sentidos, nossas possibilidades de percepção do mundo e de nós próprios, de investigação pessoal. Esse registro evidencia a sua relação com a dança que se constrói no fazer experiência, e, por isso, os processos não podem ser ignorados porque eles são os próprios resultados.

Pesquisas que abordam questões relacionadas às artes têm se tornado um campo de grande interesse no meio acadêmico, e a PEBA mostra-se uma metodologia alternativa para essa área de estudo, já que as artes, além de objeto estético, também promovem a construção de conhecimentos científicos. Esse tipo de pesquisa necessita de uma abordagem diferente das tradicionais, porque "[...] na área da arte educação lidamos com percepções de pessoas e estas dependem das interações e das relações humanas" (STEIL; NEITZEL, 2019, p. 18).

A PEBA é uma metodologia voltada à educação com foco nas artes e considera os sentidos e a criatividade durante seu processo de pesquisa. Sua origem está na Pesquisa Baseada nas Artes (PBA) ou *Investigación Baseada en las Artes* (IBA), a qual se apresenta como uma metodologia que faz uso de procedimentos artísticos como forma de considerar as experiências dos sujeitos envolvidos, assim como suas interpretações, tendo em vista que outras perspectivas metodológicas não seriam suficientes para desvelar tais aspectos (HERNÁNDEZ, 2013).

A Pesquisa Baseada nas Artes destoa-se das metodologias tradicionais, pois utiliza conceitos e métodos que transpõem as formas mais convencionais de pesquisa. Ela conduz então essa metodologia para a área da Educação, "[...] assim, a intenção de influenciar assuntos educacionais apresenta-se como diferença considerável entre a PEBA e outras formas de PBA/IBA" (CARVALHO; IMMIANOVSKY, 2017, p. 226).

Do mesmo modo que a PBA/IBA busca "[...] sugerir mais perguntas que oferecer respostas" (HERNÁNDEZ, 2013, p. 45), a PEBA também pretende "[...]

deslocar intencionalmente modos estabelecidos de se fazer pesquisa e conhecimentos em artes, ao aceitar e ressaltar categorias como incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e dinamismo" (DIAS, 2013, p. 23). É uma maneira de fazer pesquisa com um olhar para além do que os dados apresentam; é permitir que a criatividade e a sensibilidade interajam entre o pesquisador e os sujeitos.

Steil (2016, p. 28) sinaliza que "[...] a PEBA aumenta a compreensão do indivíduo em relação às atividades humanas por intermédio dos meios artísticos". Ela abre o olhar do pesquisador para o sujeito como um todo, para aquele que expressa seus conhecimentos, mas que tem seus processos subjetivos, que, muitas vezes, não são relatados claramente, porém estão impregnados nos modos do sujeito falar, de posicionar-se, de expressar-se, de desenhar, de cantar, de dançar, entre outros. Essa metodologia possibilita estudar os eventos educativos por meio das artes.

A a/r/tografia é um dos métodos possíveis de se trabalhar com a PEBA. O nome procede da palavra *a/r/tography* e "[...] é uma metáfora para: *Artist* (artista), *Researcher* (pesquisador), *Teacher* (professor) e *graph* (grafia: escrita/representação)" (DIAS, 2013, p. 25). Desse modo, esse método trabalha com os movimentos do artista, do pesquisador e do professor, e considera as representações artísticas e textuais.

De acordo com Irwin (2013), a a/r/tografia aproxima-se de uma pesquisa-ação por ser considerada uma prática viva, porque é "[...] um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais" (IRWIN, 2013, p. 28). A pesquisa torna-se uma atividade criativa de investigação, na qual o processo se torna mais importante do que o resultado. A autora reforça que a pesquisa viva "[...] se trata de estar atento à vida ao longo do tempo, relacionando o que pode não parecer estar relacionado, sabendo que sempre haverá ligações a serem exploradas" (IRWIN, 2013, p. 29).

Para Francez (2019), a metodologia da PEBA, com foco na a/r/tografia, foi escolhida porque desejava uma pesquisa sobre leitura de imagens que não apenas coletasse dados, mas que permitisse o exercício da experiência, a criação de narrativas verbais, por meio de uma "[...] proposta de mediação de leitura de imagem dialógica, não-diretiva, na qual as crianças pudessem ter abertura para fazer suas interpretações" (FRANCEZ, 2019, p. 39).

Entendemos que uma metodologia como prática viva é aquela que oportuniza ao pesquisador escutar os sentimentos e os pensamentos que são produzidos pelos sujeitos da experiência, sem classificá-los ou categorizá-los, mas trazendo-os à tona com a intensidade com a qual foram produzidos: "Para compreender melhor seus pensamentos, senti que seria mais apropriado deixá-las falar livremente, sem que procedimentos pré-estabelecidos de leitura pudessem atrapalhar o andamento de suas percepções e colocações" (FRANCEZ, 2019, p. 39).

Para Sinner *et al.* (2013) a prática da a/r/tografia compreende as produções artísticas como forma de entendimento do problema, considerando os processos de arte e de escrita de modo entrelaçado, "[...] interligados e tramados através um do outro para serem capazes de criar significados expandidos e/ou suplementares" (SINNER *et al.*, 2013, p. 100). Um estudo baseado nessa metodologia pode ainda ser interpretado pelos conceitos de "[...] contiguidade, pesquisa viva, aberturas, metáfora/metonímia, reverberações e excesso" (SINNER *et al.*, 2013, p. 100). Irwin e Springgay (2013) apresentam as práticas conceituais do método a/r/tográfico não como critérios, mas como formas de representação que contribuem para guiar o pesquisador na elaboração de significados por meio da pesquisa artística, educacional e criativa. Em síntese, poderíamos representar a metodologia da Pesquisa Educacional Baseada em Arte como mostra a Figura 1, tendo como enfoque a a/r/tografia.

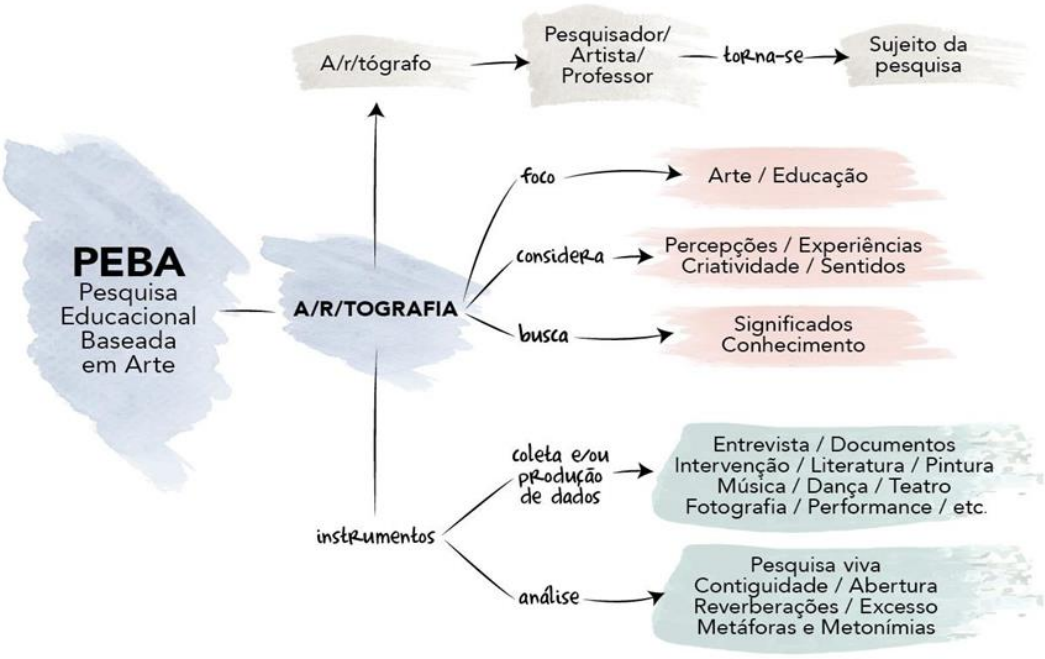

Figura 1 - Metodologia da PEBA: a/r/tografia. Fonte: Elaborada pelas autoras para fins de pesquisa.

O que diferencia a a/r/tografia dos outros métodos da PEBA é a produção artística realizada durante o percurso da investigação. Ao passo que, em outras condições de PEBA, as artes são utilizadas apenas como dados para análise, no método a/r/tográfico, o processo de criação e os movimentos que surgem dele também são relevantes para a pesquisa. A seguir, iremos discutir como os pesquisadores se envolveram na produção artística e também se tornaram sujeitos da experiência.

O pesquisador como sujeito da experiência

Uma das características da a/r/tografia é a valorização das percepções que surgem durante o estudo, e não apenas de suas conclusões finais. São as aberturas

proporcionadas pelo processo de investigação que estendem as possibilidades de experiência dos sujeitos da pesquisa. Do mesmo modo, para que uma experiência aconteça, é necessário darmos espaço a ela, pois "[...] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem 'pré-ver' nem 'pré-dizer'" (LARROSA, 2015, p. 34).

O a/r/tógrafo precisa assumir os papéis de pesquisador, de professor e de artista. Sua função não é somente investigar, mas também ser investigado. Ele precisa observar e analisar suas atuações nas três funções; dessa forma, além de intervir, ele também se torna sujeito da pesquisa. "A/r/tógrafos estão, invariavelmente, preocupados sobre como as suas intervenções afetam os outros e a si mesmos" (IRWIN, 2013, p. 32).

No método a/r/tográfico, o pesquisador não tem a função de coletar dados, mas de produzi-los por meio da arte. As informações para a pesquisa brotam das produções artísticas e do fazer experiência dos sujeitos e do investigador. O a/r/tógrafo reconhece o trabalho dos outros e deixa-se afetar pelo processo, movimentando-se em uma produção artística, e é isso que diferencia a a/r/tografia dos outros métodos da PEBA; a arte, nesse sentido, não é usada apenas como análise de dados. De acordo com Carvalho e Immianovsky (2017, p. 231), "[...] enquanto outras formas de PEBA centram-se no resultado final, a A/r/tografia está preocupada em questionamentos por meio das artes, por isso é uma metodologia baseada na prática – fazer artístico".

Nesse processo, considera-se o saber, o fazer e o criar, e abrem-se caminhos para interpretar a experiência que se dá no sujeito, no a/r/tógrafo e na relação entre ambos. Por ser uma pesquisa viva, ela expõe a identidade do pesquisador (IRWIN; SPRINGGAY, 2013) e, assim, pode acontecer a experiência no sentido atribuído por Heidegger (2003, p. 121): "[...] algo que nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma".

Ao colocar-se como sujeito da experiência durante o percurso, o pesquisador amplia suas possibilidades de compreensão dos dados. Para que ele perceba as representações e os sinais que surgem pelo trajeto, é essencial deixar-se afetar pelas reverberações causadas na pesquisa, pois “[...] somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2015, p. 28).

A pesquisa de Francez (2019) procurou entender como a criança se manifesta quando o mediador dá espaço a ela, quando a mediação ocorre de forma a permitir o diálogo do sujeito com a obra. Para isso, a pesquisadora colocou-se como mediadora dos encontros de leitura de imagem e, desse modo, incluiu-se também como sujeito de pesquisa, conduzindo seus alunos em um “[...] processo de investigação, de abertura de olhares, troca de percepções e construção de sentidos” (FRANCEZ, 2019, p. 36).

Com formação em Artes Visuais, Francez (2019) realizou produções artísticas em seu processo de investigação, contemplando, assim, o lado artista do a/r/tógrafo. A partir do desenrolar da investigação, dos afetamentos causados pelo estudo e das transformações que surgiam em sua prática docente, a pesquisadora foi criando pinturas (Figura 2) que traduziam suas percepções e as discussões suscitadas pela pesquisa.



Figura 2 **-** Produções a/r/tográficas. Fonte: Elaborada pelas autoras com base em Francez (2019).

Nesse sentido, a a/r/tógrafa utilizou a figura dos olhares como representação paras as leituras de imagens, as linhas como metáforas para as conexões provocadas pela mediação dialógica e a multiplicidade de cores como forma de sinalizar o universo infantil dos demais sujeitos. A pesquisadora foi “[...] procurando dar forma e cor [...]” àquilo que “[...] sentia e compreendia em relação à dinâmica da pesquisa” (FRANCEZ, 2019, p. 86), organizando elementos de modo abstrato, mas que auxiliavam a concretizar seu entendimento. A arte contribui para que possamos abrir nossas possibilidades de ampliação do olhar, de compreensão do mundo, das circunstâncias, da vida. Contudo, para que isso aconteça, para que esse contato com a arte se dê como acontecimento, como uma experiência ao sujeito, para que ela nos toque, envolva e atravesse, é preciso abrirmos espaço.

Se a experiência “[...] é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, exposição” (LARROSA, 2015, p. 68), na perspectiva a/r/tográfica o pesquisador coloca-se também como sujeito da experiência, visto que precisa estar aberto e sensível aos movimentos da pesquisa, representando sua compreensão pela via artística e vivendo seu trabalho por meio de suas práticas pedagógicas.

Desse modo, os a/r/tógrafos “[...] enquanto integram teoria, prática e criação através de suas experiências estéticas, ‘produzem sentido’ no lugar de fatos e dados” (OLIVEIRA, 2016, p. 376).

Steil (2016), sendo bailarina, buscou despertar a percepção nos sujeitos para seus corpos e seus movimentos por meio da investigação e da criação, mas também pela apreciação na dança. Durante o processo de pesquisa, Steil fez uma apresentação de dança para as crianças, na qual ela estava na posição de bailarina do espetáculo. O objetivo foi de apreciação e de discussão da obra e, também, de possibilitar aos sujeitos olhar para a professora como um ser dançante, que também cria e se expressa pelo movimento e pela dança.



Figura 3 - Produção a/r/tográfica. Fonte: Imagens do arquivo pessoal de Isleide Steil.

Apreciar e discutir a obra apresentada proporcionou aos alunos um olhar para a dança para além do que os modelos técnicos permitem, um olhar para seus próprios corpos e a compreensão de que a comunicação e o conhecimento também se dão pelo corpo. Steil (2016), como a/r/tógrafa, percebeu a importância de os alunos verem sua professora como bailarina, a apreciação proporcionada pela apresentação da professora/pesquisadora/artista foi uma maneira de os sujeitos se

comunicarem com a dança como espectadores, pois, até então, suas experiências eram como autores dos movimentos. Parar para apreciar a dança também faz parte do processo de construção do sujeito artista, perceber como o outro se movimenta; e o que esse movimento provoca de percepções e entendimentos pode gerar reflexões nunca tidas anteriormente. O movimento da dança embalou os alunos, mas também a professora que se percebe uma artista docente.

Instrumentos, produção e interpretação de dados no método a/r/tográfico

> *No meu corpo vejo figuras, textos enormes, desenhos etc. Esse corpo é meu e eu amo ele, pois fui eu que criei ele [...].*
> Criança 10
> (STEIL, 2016, p. 12)

Os instrumentos utilizados para a produção de dados podem ser os mesmos das Ciências Sociais: entrevistas, documentos, grupo focal, intervenção, entre outros. Entretanto, no método a/r/tográfico, também devem fazer parte a produção de pinturas, literatura, música, dança, processos de pesquisa, *performance*, lembranças, fotografias etc. A a/r/tografia considera as percepções do pesquisador e dos sujeitos e proporciona observar e analisar o poder que a arte tem de produzir significado pessoal e coletivamente.

O relato da criança 10 revela que, ao longo da pesquisa, vários textos compuseram sua cartografia. Steil (2016) buscou aflorar a percepção e a criatividade dos sujeitos para o movimento, por meio da exploração do corpo, a partir da observação e da releitura de obras de arte, do espaço, da música, de formas simétricas e assimétricas, e pela apreciação de um espetáculo. As percepções e as experiências das crianças foram registradas em seus diários e na cartografia corporal criada por elas mesmas.

A cartografia corporal consiste na construção de um corpo desenhado no papel, resultado do trabalho sobre formas simétricas e assimétricas no qual os corpos das crianças foram contornados (Figura 4). Nesses dois instrumentos, os

sujeitos fizeram seus registros os quais poderiam ser em forma de texto, palavras, desenhos, colagens para relatar suas experiências.



Figura 4 - Cartografias corporais. Fonte: Steil (2016, p. 12).

Já Francez (2019) escolheu o diário de pesquisa como instrumento de registro dos dados, os quais foram produzidos mediante quatro encontros de mediação com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola da Rede Municipal de Balneário Camboriú (SC), durante as aulas em que lecionava Arte. As mediações

efetuadas empregaram reproduções de obras de arte, as quais foram apresentadas em seu estudo juntamente aos fragmentos de seu diário de pesquisa (Figura 5).

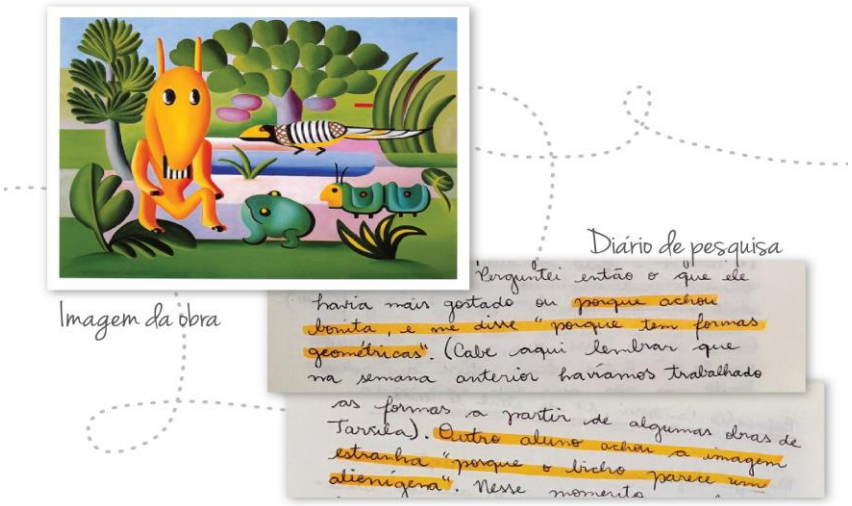

Figura 5 - Diário de pesquisa. Fonte: Francez (2019, p. 40).

O registro feito por meio de equipamento audiovisual foi outro recurso utilizado pela pesquisadora na produção de dados, o qual se mostrou adequado para o relato das percepções e das provocações artísticas propostas. A forma como esses dados foram apresentados na pesquisa permite que o leitor perceba o processo, como se deu todo o percurso, assim como as descobertas, as indagações, os espantos, os sinais e as reflexões.



Figura 6 - Cenas da mediação. Fonte: Francez (2019, p. 62).



As escolhas das pesquisadoras justificam-se porque o trabalho com as linguagens artísticas é muito subjetivo e, nesse contexto, não há como enquadrar ou mensurar as informações, porque elas não são analisadas como resultado de pesquisa, mas, sim, interpretadas durante o processo. A coleta de dados dá-se, assim, mediante sua produção, no decorrer da investigação, no desenrolar das experiências, no relato das percepções e nas construções artísticas.

Assim como toda pesquisa científica, o método a/r/tográfico contempla um planejamento prévio de execução das etapas, porém este é aberto a novas proposições que possam surgir durante o percurso. Trata-se de um caminho flexível, pois vai depender das interações que se formarem ao longo do estudo. Francez (2019, p. 27) coloca que o caminho traçado para sua pesquisa "[...] não se apresenta como uma linha reta, mas se configura em muitas idas e voltas, contornos, cruzamentos. Um percurso que toma corpo, atravessa pontos de contato, busca novas possibilidades de chegar ao ponto de destino".

A a/r/tografia cria uma rede de conexões durante sua investigação, pois "[...] busca a produção de significados, a compreensão e criação de conhecimentos" (IRWIN, 2013, p. 31). Para alcançar esses entendimentos, Francez (2019) utilizou conceitos denominados *renderings*[1], mostrados na Figura 7. Segundo Maçaneiro (2013, p. 49), os *renderings* "[...] são modos flexíveis e intersubjetivos de análise para significar e interpretar o processo artístico em uma Pesquisa Educacional Baseada em Arte". Esses conceitos possibilitam a construção das conexões, como um rizoma, e auxiliam na interpretação dos dados.

[1] A palavra *rendering*, do verbo em inglês *render*, significa "renderizar". Sua tradução exprime a maneira como algo é executado, escrito, desenhado. Esse termo é muito utilizado em trabalhos digitais de imagens, áudios e vídeos. É o processo pelo qual se obtém o produto final de um processamento digital.

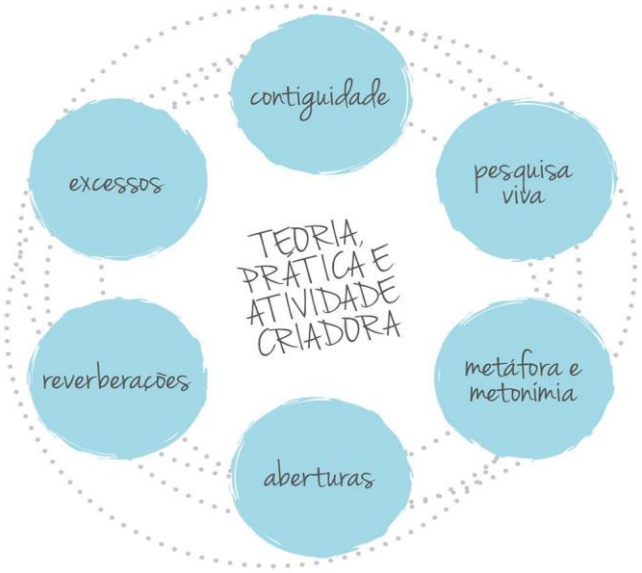

Figura 7 - Práticas conceituais da a/r/tografia. Fonte: Francez (2019, p. 32).

A *pesquisa viva* "[...] é uma maneira de ser e tornar-se no mundo" (IRWIN, 2013, p. 33). Trata-se do compromisso contínuo do pesquisador com o mundo que o envolve, por meio da criação de significados baseados em formas recursivas, refletivas, responsivas, porém resistentes de compromisso. A *contiguidade* refere-se ao encontro das identidades, o caminho de ir e vir do pesquisador que também é professor e artista. É a conexão entre a produção artística e o texto, a teoria e a prática e as demais ideias que permeiam a pesquisa. Para Irwin e Springgay (2013, p. 147) a contiguidade encontra-se "[...] nas relações entre arte e grafia, isto é, entre a modalidade da arte e da escrita com, em ou sobre o fenômeno".

No conceito sobre as *aberturas*, Irwin (2013) fala sobre os entre-lugares, os espaços que existem entre um lugar e outro, porém além do óbvio, do natural. São as rachaduras provocadas pela pesquisa e pela arte, as situações que possibilitam a abertura para as conversações e as relações. Já a prática conceitual da *metáfora/metonímia* trata-se das relações que se criam, pela utilização de imagens ou expressões, para a construção de significados. Podem ainda expor possibilidades de interpretação e auxiliar a fazer com que aquilo que o a/r/tógrafo sente ou observa

seja compreensível e acessível também aos outros. De acordo com Irwin e Springgay (2013, p. 148), "[...] metáforas e metonímias existem como relações entretecidas em que o significado se des/cria".

As *reverberações* são os movimentos provocados pela pesquisa e pela arte, movimentos que podem mudar as direções dos significados. Irwin e Springgay (2013, p. 149) afirmam que "[...] se refere a um movimento dinâmico, dramático ou sutil, que força os a/r/tógrafos a mudar suas compreensões do fenômeno". É o fluxo das conexões que ajudam a construir "[...] o significado como um espaço 'entre' as partes, indicando variações, descontinuidades e complexidades" (OLIVEIRA, 2016, p. 378).

Por último, porém não menos importante, o *excesso* que, de acordo com Steil (2016, p. 43), "[...] consiste em dar vida ao que foi rejeitado, perceber o despercebido criando outras possibilidades para construção de significados". É olhar para o que foi deixado de lado, aquilo que sobra, o que não é visto, mas que pode ter um importante lugar de informação, um grande potencial de conhecimento.

Nesse sentido, lidar com os dados na pesquisa a/r/tográfica requer atenção constante, reflexão a cada passo, colocar-se aberto às mudanças e aos deslocamentos. Para Oliveira (2016, p. 378), "[...] é o processo que irá configurar a metodologia"; assim, é preciso compreender a pesquisa como uma caminhada, "[...] o que implica a ruptura permanente dos equilíbrios estabelecidos. Fazer pesquisa nessas concepções é estar em movimento constante, em processo, em percurso" (OLIVEIRA, 2016, p. 378). Desse modo, o a/r/tógrafo precisa da sensibilidade para perceber o que há por trás desses movimentos, dos desenhos e dos registros elaborados. As peculiaridades dos sujeitos estão submersas nas produções artísticas, seja por meio do corpo, do desenho, da música, do texto ou da fala.

Considerações

Estabelecer a metodologia a ser utilizada em uma investigação é essencial para sabermos como conduzir o estudo e alcançar os objetivos desejados. No

entanto, tendo em vista os métodos tradicionais de pesquisa, nem sempre estes serão suficientes para dar conta da profusão de saberes que um estudo relacionado à arte/educação pode contemplar. Nesse caso, a PEBA torna-se um caminho viável para a interpretação de dados que vão além de informações as quais não consideram os processos da pesquisa. A a/r/tografia apresenta-se como um método que proporciona uma visão mais ampla sobre o objeto e os sujeitos de estudo, pois considera todas as nuances do caminho percorrido.

Na perspectiva a/r/tográfica, as respostas, as descobertas, as indagações, os espantos, os sinais e as reflexões vão surgindo conforme o pesquisador avança, retrocede, volta e continua a visualizar seu ponto de estudo e o trilho que o conduz. Aqui as produções artísticas dos sujeitos são pensadas não a partir de seus resultados, mas como a construção de entendimentos, como narrativas visuais, verbais ou sonoras que se configuram no desenrolar da pesquisa.

Utilizar a PEBA e o método a/r/tográfico como forma de investigação é um modo de compreender e expandir as interpretações que uma pesquisa em arte/educação pode proporcionar. Nesse caminho, considerar os sujeitos da pesquisa como sujeitos da experiência torna-se essencial na busca e no entendimento das implicações da arte como campo de pesquisa.

A partir do objetivo de discutir sobre essa metodologia, que traz à baila os processos e as questões educacionais que evidenciam e respeitam as subjetividades e a experiência dos sujeitos, percebemos que os estudos de Steil (2016) e Francez (2019) evidenciaram as faces do a/r/tógrafo como artista/pesquisador/professor. Sem assumir essas três identidades, as pesquisadoras não poderiam caminhar nas entrelinhas, nas aberturas, nos movimentos e nas reverberações proporcionados pelo trajeto. Desse modo, a a/r/tografia exige uma postura aberta, atenta e consciente do pesquisador, considerando a investigação como uma pesquisa viva, uma forma de ser e de agir perante o mundo.

Referências:

CARVALHO, C.; IMMIANOVSKY, C. PEBA: a arte e a pesquisa em educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 221-236, set./dez. 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.17058/rea.v25i3.9729

DIAS, B. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. *In:* DIAS, B.; IRWIN, R. L. (orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte:* a/r/tografia. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 21-26.

FRANCEZ, L. *Mediação de leitura de imagem:* um caminho para a educação estética. 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2019.

HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem.* Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HERNÁNDEZ, F. H. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. *In*: DIAS, B.; IRWIN, R. L. (orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte:* a/r/tografia. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 39-62.

IRWIN, R. L. A/r/tografia. *In:* DIAS, B.; IRWIN, R. L. (orgs.*). Pesquisa educacional baseada em arte:* a/r/tografia. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 27-35.

IRWIN, R. L.; SPRINGGAY, S. A/r/tografia como forma de pesquisa baseada na prática. *In:* DIAS, B.; IRWIN, R. L. (orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte:* a/r/tografia. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 137-153.

LARROSA, J. *Tremores:* escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MAÇANEIRO, S. M. *De como cadeiras se movem:* Escrevendo meu movimento, movimentando minha escrita, uma experiência a/r/tográfica em dança. 2013. 111 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

OLIVEIRA, M. O. de; CHARREU, L. A. Contribuições da perspectiva metodológica "investigação baseada nas artes" e da a/r/tografia para as pesquisas em educação. *Educação em Revista,* Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 365-382, jan./mar. 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698140547

SINNER, A. *et al*. Analisando as práticas dos novos acadêmicos: teses que usam metodologias de pesquisas em educação baseadas em arte. *In*: DIAS, B.; IRWIN, R.

L. (orgs.*). Pesquisa educacional baseada em arte:* a/r/tografia. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 99-124.

STEIL, I. *Aulas de dança:* mediação cultural, formação estética e artística. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2016.

STEIL, I.; NEITZEL, A. de A. *Por uma escola que dança.* Curitiba: CRV, 2019.

URIARTE, M. Z; NEITZEL, A. de A. A pesquisa de intervenção cartográfica em Arte Educação. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 21, n. 3, p. 387-394, set./dez. 2017. DOI: 10.4013/edu.2017.213.12